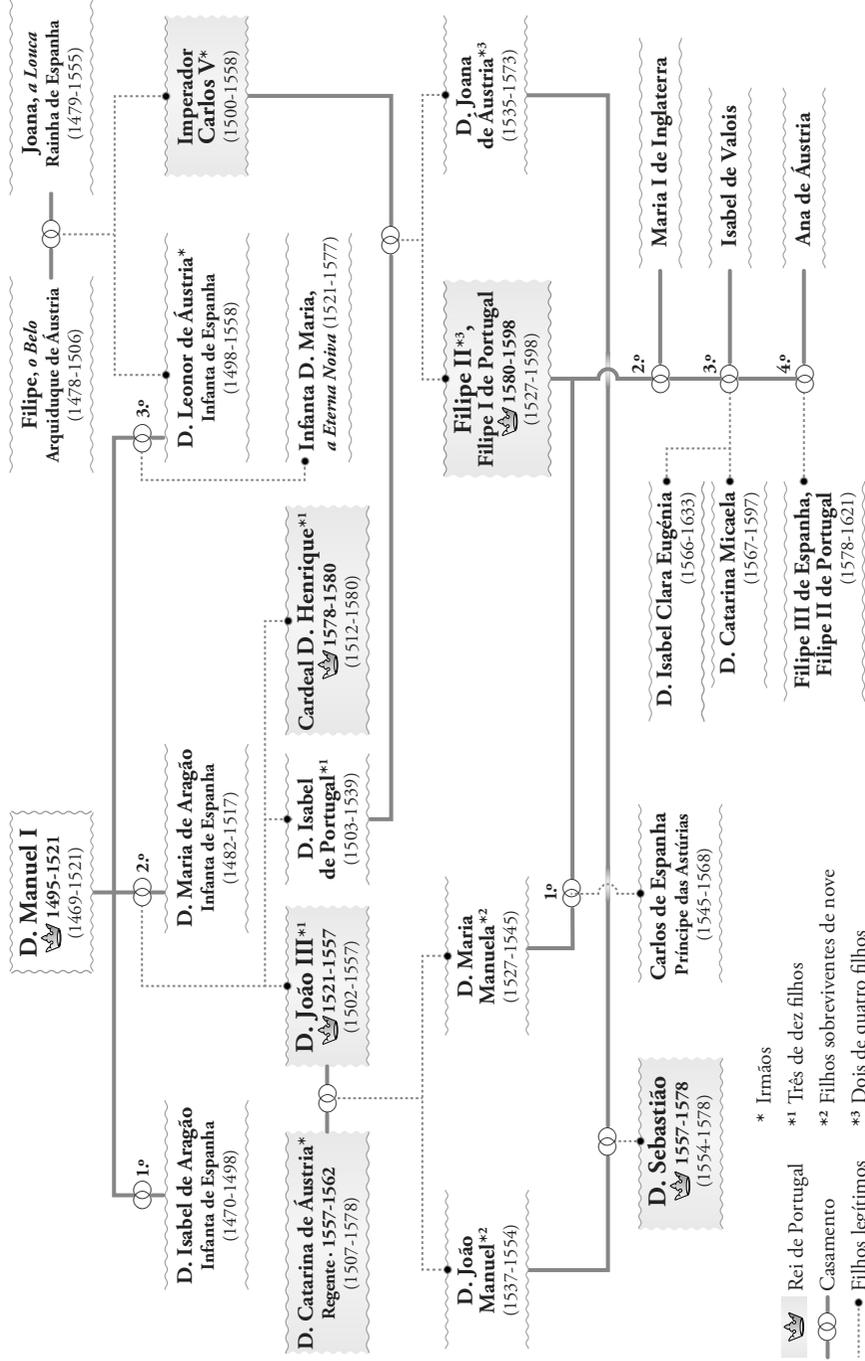


Maria João Lopo de Carvalho

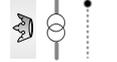
Até que
o Amor me Mate

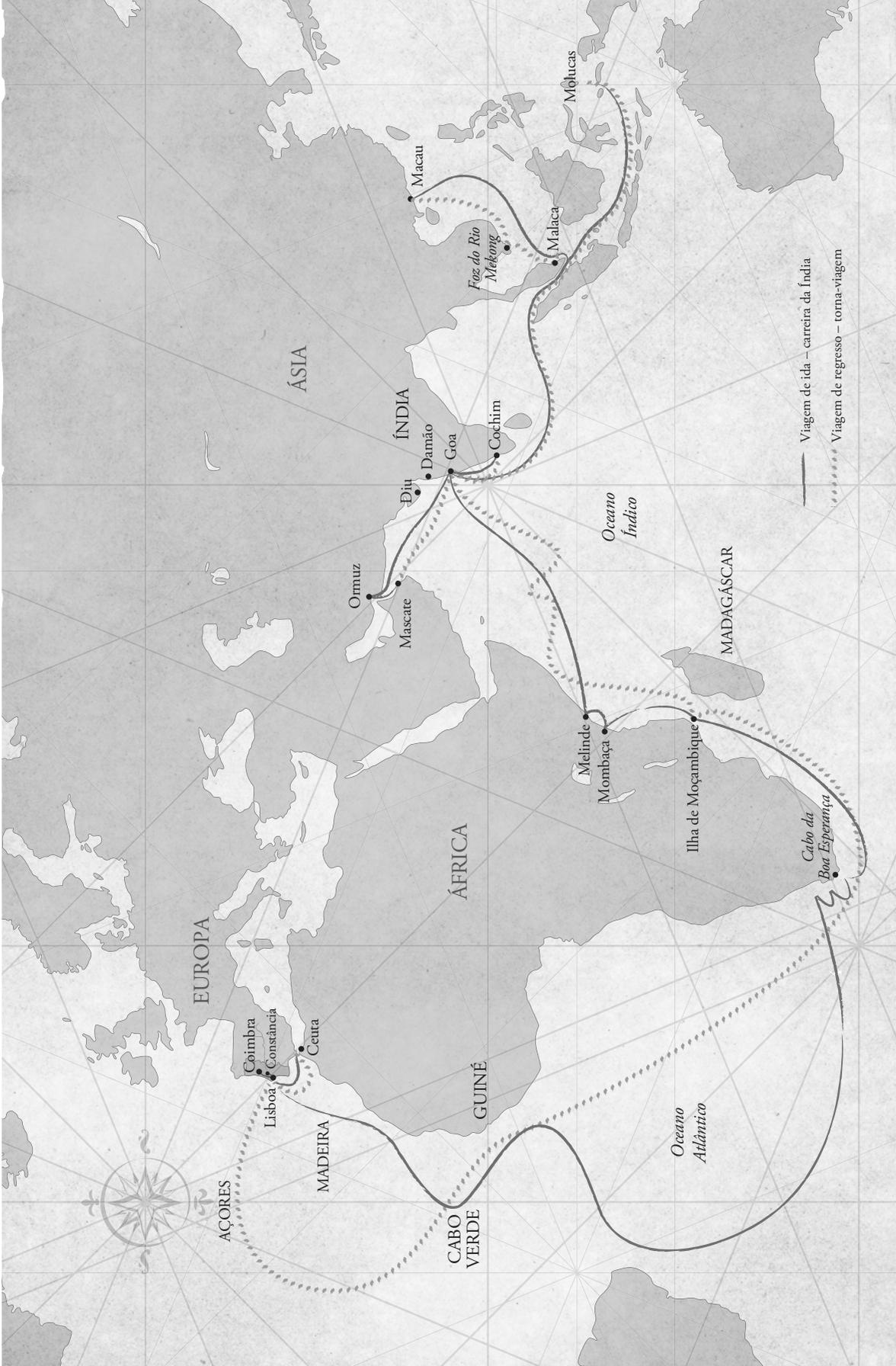
As mulheres de Camões

OPICINA
DO LIVRO



- * Irmãos
- *1 Três de dez filhos
- *2 Filhos sobreviventes de nove
- *3 Dois de quatro filhos





EUROPA

ÁSIA

ÁFRICA

ACORES

MADEIRA

CABO VERDE

GUINÉ

ÍNDIA

Oceano Índico

Oceano Atlântico

MADAGÁSCAR

Lisboa
Coimbra
Constança
Ceuta

Mascate
Ormuz

Diu
Goa
Damão
Cochim

Melinde
Mombaça

Ilha de Moçambique
Cabo da Boa Esperança

Macau

Malaca

Molucas

Foz do Rio Mekong



— Viagem de ida - carreira da Índia
..... Viagem de regresso - torna-viagem

INTRODUÇÃO

Tinha quinze anos e só queria que a aula acabasse. Dividir «orações» n'Os *Lusíadas* era para mim um martírio. A tirania dos decassílabos, a cadência obrigatória da rima, o labirinto das estrofes cegavam-me. Não conseguia ver nem a beleza nem a grandeza de que me falavam. Depois rendi-me. Demorou tempo, mas aconteceu: rendi-me.

Um dia acordei com uma história para contar. Uma história emocionante, divertida, triste também. Uma história feita de grandezas e misérias, como todas as histórias, mas subindo mais alto e descendo mais baixo, como as histórias de quem fica para a História. A história de uma viagem de sentidos, em busca da *ilha dos amores*.

Fiz a mala, a mais pequena mala de que tenho memória, e lá dentro arrumei apenas um livro: *Os Lusíadas*.

Parti.

Parti por mapas e geografias dispersas, navegando sempre pelo mar português.

Viajei dois meses sozinha – de Outubro a Dezembro de 2015 –, pisando todos os portos onde o poeta esteve. Só assim, e viajando também por versos e estrofes, o poderia sentir perto, e contar-vos esta história. Contornei o cabo da Boa Esperança num veleiro, aportei na ilha de Moçambique, segui para Mombaça, Melinde, Mascate, Ormuz, Damão, Diu, Goa, Cochim, Taprobana (hoje Sri Lanka), Malaca, Molucas, Vietname (foz do rio Mekong) e, por fim, Macau.

Luís Vaz acompanhou-me a quase 500 anos de distância, ensinando-me o rumo para essa *ilha*, em pedaços repartida por todas as ilhas onde ancoramos.

Esta é a história do que se poderá ter passado nesse tempo.

Quem foram as verdadeiras musas de Luís Vaz?

Quem foram mulheres de corpo, alma, nervos e sangue que o amaram? Que ele amou?

Sabe-se pouco a respeito da vida do maior poeta português, sabe-se muito a respeito de um Portugal à beira de perder a independência.

Procurei, através de uma pesquisa tão rigorosa quanto possível, dar voz às vozes que de tantas formas distintas amaram Luís Vaz. São sete as mulheres que escolhi para o acompanharem na travessia ou para o esperarem no fim do caminho, já que o amor também se faz de esperas. Além da madrasta que o criou como um filho – Ana de Sá –, ouvi D. Violante de Andrade, condessa de Linhares; D. Catarina de Ataíde; D. Francisca de Aragão; Bárbara; Dinamene; Inês de Sousa. Todas me contaram uma história de amor.

Deixo-vos com estas mulheres e estas ilhas. Deixo-vos com Portugal e o Império. Deixo-vos entregues ao homem por quem me apaixonei.

Estrela, Maio de 2016

PARTE I

Violante de Andrade
Labregas, 24 de Junho, 1543



Passeava eu de liteira pelas ruas de Coimbra e eis que o vislumbro, galhofando com outros moços escolares. A barba cor de fogo e o estilo peralta e galante prenderam-me a atenção. Marquei-o mas, simulando recato, baixei os olhos. Ainda que, por uso, um mero vislumbre de olhos meus seja flecha no alvo, não cuidava que um desvio de olhar fosse também dar armas de vantagem ao amor. Mas assim foi. Tardou pouco para que os versos do mancebo me chegassem às mãos:

*Pus o coração nos olhos,
E os olhos pus no chão
Por vingar o coração.*

...

*Se pouco vos mereci,
Não me estimais mais que o chão,
a quem vós o galardão
dais, e mo negais a mi.*

Logo achei ocasião de indagar a Francisco de Moraes, que todos os meandros conhece, quem era aquele rapaz de tão desusado colorido. O nosso hábil e douto amigo logo se me pôs a recitar um soneto que o dito moço barbirruivo, de nome Luís Vaz de Camões, escrevera aos dez anos de idade, não sem um leve

esgar de contrariedade. Seria inveja, admiração ou uma mescla das duas?

*Os reinos e os impérios poderosos,
que em grandeza no mundo mais cresceram,*

...

E por diante, e por diante.

*Teve Grécia Temístocles famosos;
os Cipiões a Roma engrandeceram;*

E por diante, e por diante. Era, com efeito, admirável! Aos dez anos de idade!

Francisco de Moraes, autor d'*O Palmeirim de Inglaterra*, romance de cavalaria que não me canso de ler, secretário, conselheiro e amigo do senhor meu marido, é homem bom e justo. Pena ser um tanto depreciativo, mas o seu apurado senso de humor compensa em sarcasmo o que perde em despeito. E, nele, a vontade de ser leal ao amo sobrepõe-se a tudo.

O meu amigo, que tudo via com reserva e desconfiança, não iria certamente concordar com o meu intento de contratar aquele moço para mestre de Antoninho, o primogénito dos meus três filhos. Sempre que se punha a exhibir a pose de homem sábio e de extrema erudição, punha-me eu logo a recitar em voz alta uma passagem do seu *Palmeirim*, a que descrevia as damas de Paris, só para o ver corar de aflição:

«Aqueles princesas e senhorias (...) jogando ao alho saltando umas por cima das outras. Muitas vezes saltam mal e caem com os focinhos para baixo. Não posso dizer tudo senão que o padre para não ver desonestidades remetia-se às moças que caíam, e cobrindo-as com o manto as ajudava a levantar...¹»

Pois ainda que se deleitasse com damas saltando umas por cima das outras, e com o manto do padre que as cobria, dizia e repetia o nosso conselheiro, torcendo o douto focinho, que trazer Luís Vaz de

Coimbra para Xabregas como mestre do primogénito da Casa de Linhares sem lhe estudar minuciosamente a genealogia, a cultura e a índole era poderosa afronta:

«Pode ter grande talento, porém só talento não chega. Afinal Vossa Excelência, senhora condessa de Linhares, é detentora do primeiro título criado por El-Rei D. João III, é filha do tesoureiro-mor da Coroa, sobrinha do capitão de Ceuta, e vosso marido, o senhor conde, embaixador do Reino junto da Corte francesa de Francisco I e D. Leonor de Áustria. Para mestre do morgado D. António não há-de servir qualquer um, senhora.»

Desagradou-me o que ouvi e não descansei enquanto não larguei a *Crónica do Imperador Clarimundo*, do nosso muito chegado João de Barros, para saborear os delicados sonetos e as oitavas que Luís Vaz escrevera à Casa de Bragança. Sus! Que estoiro! Dizem que foi beber ao moderno Petrarca, que o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende o sabe já de cor e que, ainda assim, lhe não basta, pois que quer aprender com os italianos. Custa-me a crer. Que haja quem queira saber das rimas dos italianos é coisa que me espanta... até a mim, que me dou amiúde com gente letrada e tenho uma das melhores livrarias do Reino. Só Sá de Miranda os segue e imita. E como é que Luís Vaz, que mal passou pelos bancos da universidade, conhece Petrarca? E porém a imitação dos clássicos parece nele encobrir um talento de verdadeiro homem de letras, talento que nele brota como água de fonte levando-nos de enxurrada para um outro mundo.

*Vinde a ver a Teodósio grande e claro,
a quem está oferecendo maior canto
na cítara dourada o louro Apolo.*

*Minerva, do saber, dá-lhe o dom raro,
Palas lhe dá o valor de mais espanto,
e a Fama o leva já de pólo a pólo.*

Não se esperava que D. Teodósio de Bragança lhe agradecesse, pois que para certa nobreza é de bom-tom desprezar os homens comuns de duvidosos costados. Diz-se que também o duque de Aveiro e o marquês de Cascais lhe encomendaram rimas. Fama de homem culto e

letrado, que conhece os segredos da mitologia como as estrelas no firmamento, tem-na ele granjeado. Alguns reais vai certamente ameaçando, mas nunca o bastante para a vida devassa que dizem levar...

Sei hoje que Luís Vaz não é dado a favores e mercês, que troca o mofo das rezas pelo assobio dos becos e as paredes frias da universidade pelo saber castiço das vielas, dos arcos e dos passadiços, a vida recta e regrada pela recurvada folgança das escadinhas e dos postigos, o decoro e a devoção pela perdição das tabernas e dos duelos. É galante com desenfado, aprazível com primor, cortês com graça! Mais do que rapaz buliçoso e valentão, é ardente e peca. Oh se peca!!!... É mesmo essa uma das maiores virtudes que lhe acho, pois que na santidade, que por dever e devoção apregoo, nunca achei encanto algum.

Quando com ele me cruzei em Coimbra, onde o meu marido ocupava o cargo de comendador da Ordem de Cristo em São Martinho do Bispo, era Luís Vaz um mancebo como os demais, que ora estudava ora fazia gazeta para ir apanhar a brisa fresca do Mondego. Soube depois que se desviava muitas vezes dos estudos por influência de Jorge de Montemor, um estroina mais sabido e manhoso do que uma raposa velha. Pior companhia não podia existir.

Devo ser apenas um tudo-nada mais velha do que Luís Vaz. Quando o conheci era já mulher casada, mãe de três filhos, Antãozinho, Joana e Fernando. Estava certa de que muitos mais se seguiriam, pois que o senhor meu marido não havia noite que me não procurasse, a não ser quando se me dava por certa a prenhez.

Mal o vi, logo quis saber quem era. A minha dama corava de aflição.

«Então a senhora condessa não sabe? É o valdevinos do sobrinho de D. Bento, o prior do Convento de Santa Cruz e chanceler da Universidade de Coimbra.»

Fiz um gesto para que a liteira abrandasse e fiquei a vê-lo passar. Tinha um olhar luminoso, era cheio de rosto e largo de frente, nariz não pequeno e lábios que se adivinhavam varonis, ainda que velados pela barba arruivada. Trazia uma camisa bordada por debaixo do pelote e um chapéu de abas curtas. Cruzava e descruzava as pontas da capa negra enquanto falava. Aqueles anéis de cabelo cor de chama até aos ombros e o rosto coberto pela barba bem aparada tornavam-no

em tudo raro. Havia nele uma inusitada centelha. Era hábito verem-se os escolares percorrer as ruas a cantar versos e rimas populares, seguidos por uma roda de raparigas. Desde que a universidade passou a Coimbra, sangue novo acorreu à cidade. Indaguei onde morava. Tal como a minha avisada dama mo dissera, o rapaz era sobrinho de D. Bento de Camões, conceituado prelado, e vivia em Coimbra com outros alunos dos Estudos Gerais. Diziam-no um tanto excêntrico, impaciente, estouvado e violento, parecendo viver certa vida oculta a que não queria renunciar.

Porém, não desisti do meu intento. Havia de trazer Luís Vaz para perto de mim.

Francisco de Moraes acabou por ceder. Colheu tudo o que pôde sobre o mancebo e lavrou a sua sentença: Luís Vaz, ainda que não sendo nobre mas tão-só descendente de cavaleiro-fidalgo, era profundo conhecedor das línguas modernas, espanhola e italiana, tinha leitura dos gregos e dos latinos e estudos de geografia, história, mitologia e cosmografia. Conhecia a nova cartilha da *Grammatica de Língua Portuguesa* de João de Barros, seu companheiro de criação, moço de guarda-roupa e amigo íntimo do Rei, e conjugava todos estes refinados saberes com avultada mestria em lendas, cantigas e romances populares. Tinha ainda uma memória segura e a réplica na ponta da língua (o que a mim me quis parecer ideal... para doutrinar Antoninho). Ainda assim, dizia-me Francisco de Moraes, «haverá melhor, não nos precipitemos numa escolha que pode não ser a mais conveniente». Sabia que, dobrado o conselheiro, dobrado estaria o senhor meu marido. Carecia tão-só do acordo de D. Bento, tio de Luís Vaz, chanceler da universidade. Aí não contava encontrar grande estorvo: que melhor futuro poderia D. Bento querer para o sobrinho do que tornar-se mestre do primogénito de Linhares? Estava segura de que não levantaria um dedo que fosse para contrariar a entrada de Luís Vaz em minha casa.

Uma outra noite, já aqui em Xabregas, cisme nas doces e claras águas do Mondego, de que me achava apartada, e delas e desse apartamento passei ao vislumbre primeiro que tivera de Luís Vaz.

Poeta, soldado, mestre de estudos, poderia Luís Vaz vir a ser qualquer destas muitas e variadas coisas. Se não me aviasse, ainda mo despachavam para além-mar. Acendi a candeia, decidida:

«Desejo tomar Luís Vaz de Camões para mestre e preceptor de meu filho D. António de Noronha» – e sem mais assinei «D. Violante de Noronha, condessa de Linhares».

Mau grado a tenra idade, o meu Antoninho já mostrava grande apego a histórias e feitos de cavalaria: Luís Vaz seria de bom préstimo. E posto que não era rico, o soldo que estava disposta a pagar-lhe falaria mais alto. Sabendo que passara a Lisboa, pedi que lhe entregassem de prestes a minha mensagem.

«Mas, senhora condessa, ninguém sabe onde pernoita...», contrapôs a minha criada num fio de voz, «e são ainda quatro horas, nem tocaram as matinas.»

Nunca gostei de ser contestada, menos ainda por uma humilde criada. Ergui os ombros e cruzei o quarto em passos largos, avançando com o queixo para a frente como faço sempre que quero ser obedecida. A rapariga tremia dos pés à cabeça.

«As minhas ordens são para ser cumpridas. Procurem um manco barberruivo, com família na Mouraria. Por esta altura, terá já descido à capital», ordenei, tentando não mostrar mais do que apenas autoridade.

«Vamos tentar, senhora condessa.»

«TENTAR??? Acaso não sabes já o quanto abomino essa palavra? Tentar envolve incerteza, contempla a possibilidade de fracasso. Ora eu não contemplo semelhante possibilidade: tragam-me o rapaz aqui a Xabregas!», gritei, já fora de mim.

A porta fechou-se sem ruído, deixando apenas o vazio de uma sombra assustada. Respirei fundo, baixando os ombros em desamparo, para logo voltar a endireitar as costas, repuxando um caracol que se desprendera da touca de dormir. Tinha de recuperar a lucidez. Uma senhora que sabe o que quer mostra a sua compostura mesmo quando está sozinha. Olhei-me no reflexo do vidro enquanto soltava o cabelo entrançado. O que ali via era uma mulher que não conhecia e que, porém, era eu mesma. Puxei uma madeixa por cima do ombro direito, constatando que as pontas loiras faleciam já de tinta. Com o pente de marfim desfiz os nós, um por um. A minha pele adquirira uma tonalidade acinzentada, certamente por via das olheiras fundas da noite mal dormida, mas a camisa de linho deixava antever uns seios ainda desejáveis. A natureza sempre fora benevolente comigo.

E dali me fui, cabelo escorrido, vela na mão, aos aposentos do meu Antoninho, que dormia no dossel, ao lado de Fernando, os anéis loiros espalhados pelos lençóis.

Não sou dada ao remorso nem penso com o coração, o coração de nada serve senão para nos mantermos vivos. Tenho um gênio dominador e confesso-me senhora de uma provocante soberba.

Casei-me virgem com D. Francisco de Noronha, segundo conde de Linhares, e o meu dote chegou a 20 mil cruzados de ouro, uma verdadeira fortuna. Quando o Noronha me acometeu, naquela sangrenta noite de São João, que hoje se comemora, tinha eu apenas doze anos e ele já dobrara o equador da idade. Foi aqui mesmo, neste palácio de Xabregas. Lembro-me de me ter sentado na cama, de ter olhado pela janela e de ter ficado atordoada com o movimento do rio: eram centenas de naus, navios, caravelas, batéis e galeões de toda a sorte, que ora aportavam ora levantavam ferro. O palácio estava onde sempre estivera e estará, no centro de tudo, mesmo ao lado do Chafariz de El-Rei e da Porta de Alfama, mas nada disso, naquela primeira noite, me conseguia encantar.

Agora sou já outra mulher, não me canso desta cidade buliçosa e atarefada. Lá diz o povo e com razão: «Quem não viu Lisboa não viu Portugal.» Quando D. Manuel mandou construir o novo Paço da Ribeira, de pedra e tijolo, em pleno areal, a cidade escancarou as janelas ao rio. É verdade que as oliveiras e as vinhas que salpicavam de verde as sete colinas e de que meus pais tanto falavam desapareceram, mas o que se perdeu em verde ganhou-se em azul, este tão vasto e perfeito azul que aqui une céu e mar e rio e luz e cidade.

A ala sul do paço é a de que mais gosto. Quando cruzo o arco, olho sempre para cima. Pasma com a prontidão daquele relógio, cortando e repartindo, somando e multiplicando as horas do Reino e as minhas, sobretudo as minhas.

A Ribeira é onde tudo se passa. Há uma linha de agitação febril que une o Paço da Ribeira a Xabregas, deixando o Palácio de Santos² a ocidente e o Palácio dos Estaus³ a norte, no Rossio. Gosto do Rossio, gosto daquela praça grande de casas alinhadas e muitos pombos esvoaçando, vigiada por conventos e castelos. Diz o senhor meu marido que é nesta zona ribeirinha que fica o centro do Império: a Casa da Índia, a Casa da Mina, o mercado, a Casa da Flandres

e, mais além, a Casa da Moeda, o arsenal militar⁴, a Alfândega, os estaleiros navais e a Casa dos Bicos, que é linda de se ver, com as pedras talhadas em pontas de diamante a cintilarem ao nascer do sol.

É por aqui que tudo se vende: marfins e sedas bordadas, pólvora, flores exóticas, especiarias de toda a ordem, tâmaras, laranjas, porcelanas chinesas, linhos da Bretanha, tecidos de damasco em baús de cânfora e... guloseimas. Ensandeço ao ver as cores e ao imaginar os sabores daqueles deleitosos quadrados fabricados com o açúcar do Brasil e amontoados nas lojas da Rua da Confeitaria, uma fina perpendicular à Rua Nova.

Mas nem só de doces vivem os meus sentidos.

Quando o vento muda, respira-se aqui em Xabregas o aroma a canela, a noz-moscada e a açafraão, armazenados na Casa da Índia.

É ao longo das muralhas, junto ao Tejo, que todos os grandes senhores têm os seus palácios. E se por aqui os construímos, dizem as más-línguas, é porque somos dados ao «negócio da China». O apelo do ouro e dos tesouros vindos do Oriente leva muita gente a cometer verdadeiras loucuras. Há quem se endivide até mais não por culpa ou virtude, por graça ou desgraça de um qualquer «negócio da China». Conheço muitos, ultimamente endinheirados, que parecem o que não são e são o que não parecem. E os Grandes, os verdadeiramente Grandes, entre os quase 100 mil habitantes da capital, contam-se pelos dedos das mãos: nós, os Linhares; os Marialva, os Loulé, os Aveiro, os Vimioso, os Alegrete, os Telles, os Távora, os Ataíde... umas dezenas de famílias titulares que seguem a Corte para onde vá.

Mas naquela primeira noite, como dizia, nada senti senão dor e medo. Sabia que tinha andado a fugir daquele medo, mas o medo acabara por me apanhar. Desde então nada sinto senão dor e medo. Antoninho nasceu três anos depois, tinha eu quinze primaveras. Sabe Deus o que passei com aquele homem inteiro a rasgar-me o corpo por dentro, a desfazê-lo em pedaços, a sorver-me as entranhas até que um caudal imenso de besta-fera o dissesse saciado. Jurei que não haveria de amar homem algum, nem príncipe, nem marinheiro, nem embaixador, nem poeta, nem soldado.

E é aí que reside a minha liberdade.

D. Francisco, meu marido, deve estar prestes a tornar ao Reino. Tomou o cargo de embaixador em Paris, onde por três anos honrou

a Coroa, apesar das habituais intrigas para o derrubarem... Até de espionagem o acusaram! D. João III e o Imperador Carlos V de Espanha são mais chegados do que agulha a dedal e o grande inimigo de Carlos V é o próprio Francisco I de França, com quem arde em conflito permanente. Tudo os separa: é a linha que divide o mundo assinada em Tordesilhas, são os ataques dos piratas e do corso francês, é a vontade que o Rei de França tem em se lançar pelos mares, rompendo o poder dos nossos reis ibéricos. O senhor meu marido, embaixador em Paris, está no centro do furacão.

Não o amo. Nunca o amei, nem a ele nem a ninguém, pois que o amor não se conjuga com a vontade e só serve para nos deixar vulneráveis. O amor cria vício e o vício torna-nos dependentes e desventurados. Tive uma infância de ouro, sou dama galante e sei que encorajo os homens da Corte sempre que vou ao paço de El-Rei D. João III e de D. Catarina assistir a recitais, jogar às cartas ou ao xadrez e dançar. Ai o que me endoidece aquela música... Adoro provocar, adoro galantear. Mais me distraio com essa arte do que com o bobo *Panasco* e os demais bufões, a representarem certos autos de tal forma aborrecidos que não paro de bocejar.

D. João III anda cada vez mais pesado e bonacheirão. Tudo nele descaí: o ventre, as bochechas, as pálpebras. Nem na forma de trajar se moderniza, continua sóbrio e enfadonho. Quando D. Manuel, seu pai, passou a vestir à flamenga, ele continuou de finca-pé no pelote felpudo de mangas trançadas, na capa e na gorra de voltas. A única jóia que não dispensa é o anel de esmeralda.

Crê El-Rei em tudo o que lhe dizem. Ainda há dias, estando comendo peixe, disse-lhe um dos físicos que assistiam ao real repasto que comesse só o rabo do peixe, por ser o mais sadio. Disse-o com grande certeza, pois que o peixe era muito húmido e, posto que nadava dando ao rabo, o movimento lançava dele muita parte da humidade natural, ficando por essa razão menos húmido, mais sadio. El-Rei, a partir de então, do peixe só come o rabo! E, já se sabe, agora, na Corte, só se come, do peixe, o rabo! E andam também menos descontentes dos rabos das mulas, que sempre abanam para cá e para lá, pois hão-de agora entender que, das mulas, o rabo é a melhor parte.

Jesus, que ignara gente!

D. João III é de uma índole rara: mais quer assistir aos autos-de-fé na varanda do Paço da Ribeira do que dançar num baile da Corte; mais quer rezar do que receber os embaixadores; mais quer aos livros de «deve e haver» do que a obra de poeta ou cronista. Mas o que mais lhe apraz é inspeccionar com minúcia a quantidade de pimenta que entra e sai dos armazéns: cheira a mercadoria, confere as balanças e acode na compra e venda de escravos malabares e cafres com a mesma dedicação com que faz filhos à Rainha. Tudo nele é um compra-e-vende. Reconheço-lhe algum engenho e aguda memória, mas sei que alcançou pouco nas letras e nunca aprendeu bem o latim. Talvez por isso se tenha empenhado tanto no ensino das artes. Nisso sim, admiro-o. Bastas vezes tenho sabido de mancebos que manda estudar para o estrangeiro, financiando-lhes o sustento. A verdade é que ousou transferir a universidade de Lisboa para Coimbra e que não se poupa a esforços para contratar lentes da Universidade de Paris.

Porém, não posso deixar de me compadecer e de temer pelo futuro do Reino. Dos nove filhos que lhe nasceram, só dois vingaram: o infante D. João Manuel, muito chegado ao meu Antoninho, e a infanta Maria Manuela, que a Espanha foi casar-se. Bofé! Agastou-me sobremaneira o sigilo à volta desse malfadado casamento da infanta com Filipe de Áustria, o filho de Carlos V, que irá, por certo, ser o próximo Rei. O sigilo foi tamanho, que nem ao senhor meu marido, no alto posto que representa, disseram água-vai. Uma afronta.

Não me falta ouro, nem jóias, nem pedras preciosas; não me faltam honrarias e deferências, não me faltam pajens, nem criados, nem escudeiros, mas falta-me por vezes paciência para cumprir os preceitos da minha condição. Habituei-me a aceitá-los sem contestar e eu habituei-me a cumpri-los, a espartilhar o coração, sem me emocionar, sem pestanejar, sem me acalorar. E assim me afeiçoei ao lugar gelado que encontrei dentro do coração. Não só eu, todas nós. Qual das minhas amigas ou das minhas damas de companhia pode dar-se ao luxo de guardar para si doces e quentes sentimentos? Aquela que é espancada pelo seu marido e senhor? A que se ajunta com o copeiro quando o marido se ausenta? A que tem filhos bastardos e os dá à roda sem sequer se confessar? A que oculta a entrada do amante no convento? Se entregam o coração denunciam-se. Tenho o casamento que meus pais ditaram e o que deve ser, com regalias,